

Encontro de caciques tumultua velório de Darcy

Brizola recebe bem César Maia mas pedetistas hostilizam Marcello Alencar no pátio da Academia Brasileira de Letras

Aziz Filho e Elaine Rodrigues

• RIO E BRASÍLIA. O encontro dos três maiores caciques políticos do Rio — Leonel Brizola, Marcello Alencar e César Maia — no Salão dos Poetas Românticos, na Academia Brasileira de Letras (ABL), onde o corpo de Darcy Ribeiro estava sendo velado, terminou em tumulto na noite de ontem. Ao deixar o salão, após permanecer meia hora ao lado do caixão de Darcy, Marcello foi cercado pelos brizolistas, que fizeram um corredor polonês para esperar o governador. Aos gritos de "ladrao" e "traidor", Marcello deixou o local protegido por seguranças, mas sem apressar o passo.

Ao entrar na Academia, Marcello se encontrou com César Maia, que estava de saída. O ex-prefeito do Rio ficou menos de três minutos no velório. Ele chegou às 22h, indo direto ao encontro de Brizola, em quem deu um abraço, para a surpresa dos presentes.

— Ninguém mais do que nós sabe a dor que estamos sofrendo, né, César? Você sabe mais do que ninguém — disse Brizola.

Passagem do ex-prefeito pelo velório é rápida

Rapidamente, César cumprimentou os líderes do PDT, seu partido de origem, aproximou-se do caixão e deixou o local, a passos largos. Só parou para dar entrevista no pátio externo, quando foi chamado por duas militantes de traidor.

— A gente fica preocupado com a reação dos dirigentes, que têm toda a legitimidade para negar o afeto, mas todos me receberam afetuosamente. Agora, militante é isso mesmo. Como é possível fazer política sem paixão? Com o PDT arrebitado, arrasado do jeito que está, ainda tem militante com essa paixão. É de tirar o chapéu — disse César.

Marcello, que passou a ser pessoa non grata no PDT ao se mudar para o PSDB, teve menos sorte. Ao chegar, já foi recebido por vaia dentro do salão. Quando se aproximou do caixão, a cúpula do PDT, incluindo Brizola, se afastou. Um militante buscou dois meninos de rua, chegou perto do caixão e disse, em voz alta:

— Esse aqui (apontando para o caixão) fez os Cieps. Aquele ali (apontando para Marcello) está destruindo os Cieps.

Tentando mostrar indiferença à hostilidade, Marcello ficou quase meia hora conversando com seu secretário de Cultura, Leonel Kaz, e dando entrevistas, ao lado do caixão.

— Eu sabia que vinha para um ambiente onde estão ex-companheiros. Fui bem recebido por alguns. Outros, mais radicalizados, vêm em minha presença a de um adversário. É uma manifestação compreendida por mim. Não vim aqui só como amigo de Darcy, mas como representante do povo do Rio — disse o governador do Rio, antes de sair.

Ex-governador compara morte à perda de um irmão

Brizola, que veio do Uruguai para o velório, chegou às 21h15, um pouco depois de Oscar Niemeyer. Com os olhos marejados, disse que não estava habituado a lidar com a morte. A única perda que tivera até então, segundo ele, fora sua mulher, Neusa, e a mãe, da qual esteve distante a maior parte da vida.

— Os Brizola não morrem. Por isso, a morte de Darcy é como a morte de um irmão — disse Brizola, que, durante o incidente com Marcello, se manteve afastado do centro do salão.

O caixão viria para o Rio no Boeing presidencial, mas houve uma pane do avião e ele foi trazido por um Bandeirante. A comitiva de deputados e senadores que o acompanhava foi dividida em mais dois aviões pequenos. Na Avenida Brasil, quando seguia para a ABL, o carro do Corpo de Bombeiros que levava o caixão ferveu, mas o incidente foi logo contornado.

O corpo chegou à ABL às 20h30m, sob chuva e aplausos de cerca de 200 populares, intelectuais e políticos. Bandeiras do PDT estavam dispostas ao longo das escadarias do prédio. Entre as dezenas de coroas de flores, a que mais chamava a atenção dos presentes, era a enviada pelo consulado cubano. "Ao eterno amigo, nossas saudades. Fidel Castro Ruz", dizia a faixa.

Dos Estados Unidos, o prefeito Luiz Paulo Conde pediu ao prefeito em exercício, Eider Dantas, que desse o nome de Darcy, criador do Sambódromo, à Passarela do Samba. O decreto foi assinado ontem mesmo.

O senador morreu fazendo o que mais gostava: dar aula. Quarenta e oito horas antes de seu coração parar, já internado em estado muito grave no Hospital Sarah Kubitschek, ele passou uma hora e meia contando histórias sobre índios e dando noções de antropologia a Felipe Braga, de 9 anos, filho da diretora-executiva da Rede Sarah, Lúcia Willadino Braga, acompanhante inseparável de Darcy nos últimos dias.

— Sou um livro. Tenho 74 anos, fiz uma universidade, 500 escolas (Cieps) e o Sambódromo. Você pode entender por que uma pessoa faz uma universidade ou um Sambódromo? A universidade reúne o conhecimento científico e erudito e o Sambódromo a cultura popular. Você deve saber que os dois são muito importantes para um país — ensinou.

Ontem, as amigas Vera Brant e Teresa Teixeira — que não saíram de perto de Darcy — estavam inconsoláveis. Chorando muito, Vera lembrava as conversas com Darcy e do quanto ele relutou em voltar ao hospital na semana pas-

sada. Desidratado e enfraquecido, preocupou os amigos no dia 9. Na terça-feira, o diretor do Sarah Kubitschek, Aloysio Campos da Paz, telefonara a Vera:

— O Darcy não está nada bem. Precisa vir para o hospital.

Vera conversou com Darcy:

— Você está muito displicente com sua saúde. Vamos amanhã para o hospital.

Darcy concordou em internar-se na quarta-feira. Mas falou pouco sobre o assunto. Quando Vera foi buscá-lo no apartamento, Darcy desconversou:

— Filha, eu vou. Vou, sim. Mas amanhã. É que chegaram umas pessoas, preciso terminar uns projetos e conversar com elas.

Amanhã, às duas horas, estaremos lá no Sarah.

No sábado, reuniu Vera e Teresa. Brincou com as duas, pedindo-lhes que fossem amigas mesmo depois de sua morte. Até porque, raciocinou, sem ele uma não precisava ter ciúme da outra.

Cada minuto antes da morte foi aproveitado ao máximo. Darcy tinha urgência em falar, conta Lúcia. No sábado, já com dificuldades respiratórias por causa do câncer generalizado, ao ser conduzido no elevador, virou-se para um estranho e confessou:

— Viver é muito bom. Eu não quero morrer.

Mais tarde, pediu o impossível a Vera:

— Filha, vamos fazer assim: você morre e eu fico.

Nos últimos momentos, a irreverência de sempre

No domingo, quando seu estado de saúde se agravou, Darcy foi levado para o Primeiro Estágio, uma espécie de UTI. Inquieto e rebelde como sempre, ainda conseguiu ligar para Lúcia e protestar:

— Me trouxeram para um lugar estranho. Estou com vontade de fugir — disse, ameaçando repetir a atitude tomada no Rio, quando escapou da UTI de um hospital mesmo sem alta médica.

— Me espera, que nós vamos fugir juntos — respondeu Lúcia.

Nos últimos meses, Darcy praticamente só trabalhava em casa. Foi montado um gabinete em seu apartamento e dois assessores se revezavam em dois turnos. Incansável, Darcy pedia que fossem também aos sábados e domingos. Conversava o dia inteiro.

Também no hospital, Darcy falava ao telefone sem parar. Já convencida de que a saúde do senador estava muito mal, Vera começou a pedir aos amigos que lhe telefonassem. Na sexta-feira à noite, Darcy falou com o arquiteto Oscar Niemeyer.

— Vou morrer — avisou.

— Que nada! Você e eu ainda vamos viver mais 20 anos — respondeu o amigo.

Darcy passou as últimas horas dividido entre a vontade de viver e o cansaço de lutar com o cân-

cer. De madrugada, depois de um dia ruim, em que até as visitas foram proibidas, Darcy reuniu forças para se levantar da cama, tomar banho e fazer a barba.

Na manhã de segunda-feira, ele foi levado às pressas para a Unidade de Tratamento Intensivo. Darcy Ribeiro estava morrendo.

Parlamentares aguardam o corpo ao pé da rampa

O caixão com o corpo embalsamado de Darcy foi liberado do Hospital Sarah Kubitschek por volta de 1h. Ao pé da rampa do Congresso esperavam por ele o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e os senadores Beni Veras (PSDB-CE), Ramez Tebet (PMDB-MS), Carlos Patrocínio (PFL-TO) e Eduardo Suplicy (PT-SP). Abatido, o único irmão, Mário, passou a madrugada no apartamento de Darcy, só chegando ao velório de manhã.

Políticos de todos os partidos foram homenagear Darcy. Os índios, uma de suas paixões, foram representados pelo cacique Marcos Terena e por Samira, uma xavante. Deixaram ao lado do caixão flores do cerrado em pequenos vasos feitos pelos índios kadivêu, com os quais ele viveu. Às 15h, na presença do presidente Fernando Henrique Cardoso, o caixão desceu a rampa do Congresso, carregado por cadetes da Polícia Militar. Saiu aplaudido.

COLABORARAM Hugo Marques, Isabel de Paula, Lydia Medeiros e Mônica Gugliano